

POR QUE TRUMP VENCEU E HARRIS PERDEU: O LIBERAL DE ESQUERDA AMERICANO NÃO É NEM DE ESQUERDA E NEM LIBERAL

Por Aakash Joshi*



Imagem gerada por inteligência artificial.

A lição da derrota dos Democratas é: se você quer ser de esquerda e liberal, então seja de esquerda e liberal, pois o eleitor enxerga além de celebridades e frases de efeito.

No fim de uma grande perda política, começa a busca por um bode expiatório. Em qualquer cálculo, a eleição de 2024 nos Estados Unidos é um desastre para os Democratas. Eles perderam a presidência – e provavelmente o voto popular junto com o colégio eleitoral – assim como ambas as casas da legislatura.

Quem é o culpado? Joe Biden, por ficar por muito tempo? Kamala Harris, que não conseguiu – apesar do enorme apoio financeiro e do apoio do seu partido – repetir o desempenho de 2020? Ou é, como muitos já lamentam, o povo americano, cuja misoginia latente o levou, duas vezes, a rejeitar uma mulher qualificada para presidente? Mesmo sem os detalhes granulares dos resultados das eleições, está claro que o argumento da “cesta de deploráveis” é uma ilusão. Aqueles que votaram em Biden em 2020, especialmente nos estados-pêndulo, não votaram em Harris. E xingar os eleitores não é uma boa estratégia nem uma análise robusta.

Além do momento atual, e além dos EUA, há lições na derrota de Harris – e na vitória de Trump. No cerne delas está o fato de que os eleitores – especialmente o meio “indeciso” que determina os resultados das pesquisas – são atraídos mais

pela autenticidade e clareza (mesmo que pareça rude e revanchista) do que pela sinalização de virtude. Esta última faz com que as hipocrisias inevitáveis daqueles no governo pareçam ainda mais gritantes.

O desafio do Partido Democrata é aquele com o qual a centro-esquerda pós-Thatcher-Reagan tem lutado por quase três décadas. Nos EUA, isso é exacerbado pelo sistema bipartidário: como uma formação política – que conta entre sua base com o bilionário Michael Bloomberg e com a palestino-americana que se pergunta se sua família está viva em meio aos escombros em Gaza – pode falar com ambos? Como pode reconciliar a base de homens e mulheres da classe trabalhadora, muitos dos quais são social e religiosamente conservadores, com a política de gênero radical do *campus* universitário?

Em democracias multipartidárias, esses eleitorados díspares teriam seus próprios partidos e lealdades. Isso é, em certo sentido, parte natural do aprofundamento democrático.

O fato é que os partidos de direita conseguiram construir coalizões sociais mais amplas em todas as democracias. Trump teve apoio crescente de eleitores negros e latinos e venceu em lugares onde teve desempenho ruim em 2016 e 2020. Seus discursos são desconexos, sim, mas a campanha se concentrou em problemas. Ele, por exemplo, falou consistentemente com aqueles que perderam o emprego ou que estão precariamente empregados em setores de manufatura tradicionais. Mesmo sobre o aborto – a anulação de “Roe vs. Wade” sem dúvida levou ao fraco desempenho dos republicanos nas eleições legislativas de meio de mandato de 2022 – ele suavizou sua posição. Minorias e imigrantes, está claro, não são a favor de fronteiras abertas nos EUA. E, finalmente, ele teve sucesso ao pintar a si mesmo como vítima de uma caça às bruxas, e aos casos contra ele como parte de uma vingança política.

Entrelaçar todos esses fios é uma grande narrativa: a globalização, o *wokeismo* e, ironicamente, o capitalismo desregulado, corroeram empregos americanos, modos de vida e até mesmo identidades tão fundamentais quanto o gênero. O lado de Trump também percebeu que raça não é mais o para-raios que costumava ser.

O lado de Harris, de outro modo, comprou a ideia da *TikTokificação* da gramática política e, ao fazê-lo, perdeu o vocabulário para abordar questões fundamentais.

Primeiro, a recusa – ou pior, a incapacidade – de controlar a matança em massa em Gaza e a expansão do conflito no Oriente Médio foi uma mancha na administração Biden e uma responsabilidade política. Dois eleitorados cruciais – estudantes universitários e muçulmanos americanos – ficaram alienados com isso. Harris se recusou a se distanciar dessas políticas e fracassos. Dearborn é uma das maiores cidades árabe-americanas. Fica em Michigan (um estado-pêndulo). Teve apenas 39,6% dos votos – uma repreensão notável.

Segundo, Harris não definiu a agenda. Falar sobre ser dono de armas e ser duro com o crime não ajudou muito com a base republicana. E fazer barulho sobre o apoio de Dick e Liz Cheney só fez seu partido parecer mais elitista.

Terceiro, o viés pró-democrata de grande parte da mídia dos EUA provavelmente prejudicou o partido nas pesquisas. Trump e J. D. Vance foram submetidos a escrutínio e ridicularizados. Harris e Tim Walz foram apenas celebrados. Como resultado, os primeiros eram conhecidos, para o bem e para o mal, enquanto os últimos eram apenas figuras de papelão falando entre aspas, gerando matéria-prima para memes.

Por fim, e mais importante, o lado de Harris não tinha uma grande narrativa. O que significa ser liberal de esquerda nos EUA hoje? Sobre a liberdade de expressão, os republicanos têm o partido na defensiva, tendo sucesso ao fazer da “cultura do cancelamento” um problema. O apoio de estrelas de Hollywood e pessoas como Beyoncé e Taylor Swift fazem a esquerda parecer uma elite – pessoas comuns não respiram um ar tão rarefeito. Qualquer noção de “proteger a liberdade” no exterior tem pouco valor depois de Gaza e da Ucrânia – esta última tornando ainda mais gritante o duplo padrão em torno da primeira. E Trump, com sua conversa sobre tarifas e *Make in America*, parece mais antiplutocrata (ele não é) do que a chamada esquerda.

As sementes dessa derrota foram plantadas em 2016, cujas lições permanecem não aprendidas. Bernie Sanders estava a caminho de ganhar a nomeação, mas não conseguiu, graças a técnicas e “superdelegados” nas primárias democratas. Ele era “muito socialista”. Mas teve a ideia certa: assistência médica universal, educação melhor e mais barata e uma aceitação sem remorso de minorias de todos os tipos em uma comunidade política mais ampla.

Qualquer candidato, homem ou mulher, com essa clareza de visão, tanto de esquerda quanto liberal, teria falado para uma faixa muito mais ampla de americanos. Em vez disso, o partido que deveria abrir espaço para o *outsider* se tornou o *establishment*, apesar de um candidato com uma história que deveria e poderia ter sido melhor vendida. E um bilionário com riqueza herdada se tornou o homem comum.

A lição do fracasso dos democratas para outros partidos políticos é esta: se você quer ser liberal de esquerda, então seja de esquerda e seja liberal. O eleitor sabe enxergar além de celebridades e frases de efeito.

Publicado no [The Indian Express](#).

**Aakash Joshi é editor associado adjunto, editorial e de opinião, do The Indian Express. Ele escreve sobre política, ética, a intersecção entre tecnologia e sociedade e cultura popular.*
